

AUTORIDADE MONETÁRIA AVISA AO MERCADO QUE SEPAROU UMA PARTE DAS RESERVAS INTERNACIONAIS PARA CONTER UMA EVENTUAL DISPARADA DOS PREÇOS DO DÓLAR POR CAUSA DO CONFLITO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA

Banco Central monta seu **arsenal**

» DEBORAH HANA CARDOSO

O Banco Central avisou ao mercado que já montou seu arsenal para enfrentar uma possível turbulência no câmbio, caso a guerra entre a Rússia e a Ucrânia se prolongue e ganhe proporções ainda maiores. Em comunicado feito por intermédio do Comitê de Estabilidade Financeira (Comef), a autoridade monetária informou que separou uma parte das reservas internacionais do país, que chegam a US$ 357 bilhões, para conter a disparada do dólar. A moeda norte-americana tem forte influência na inflação brasileira, por ditar dos preços do pãozinho francês aos valores dos combustíveis nas bombas.

A estratégia do BC inclui, ainda, a taxa básica da economia (Selic), que está em 10,75% ao ano. O Comitê de Política Monetária (Copom) já avisou que continuará aumentando os juros até que o aperto faça com que a inflação convirja para a meta deste ano, de 3,5%, podendo oscilar 1,5 ponto percentual para baixo ou para cima. Por enquanto, a ideia da instituição é não pisar mais no acelerador, uma vez que a Selic saiu de 2%, no início do ano passado, para o nível atual. A alta de 8,75 pontos é a maior desde que o regime de metas foi adotado, em 1999.

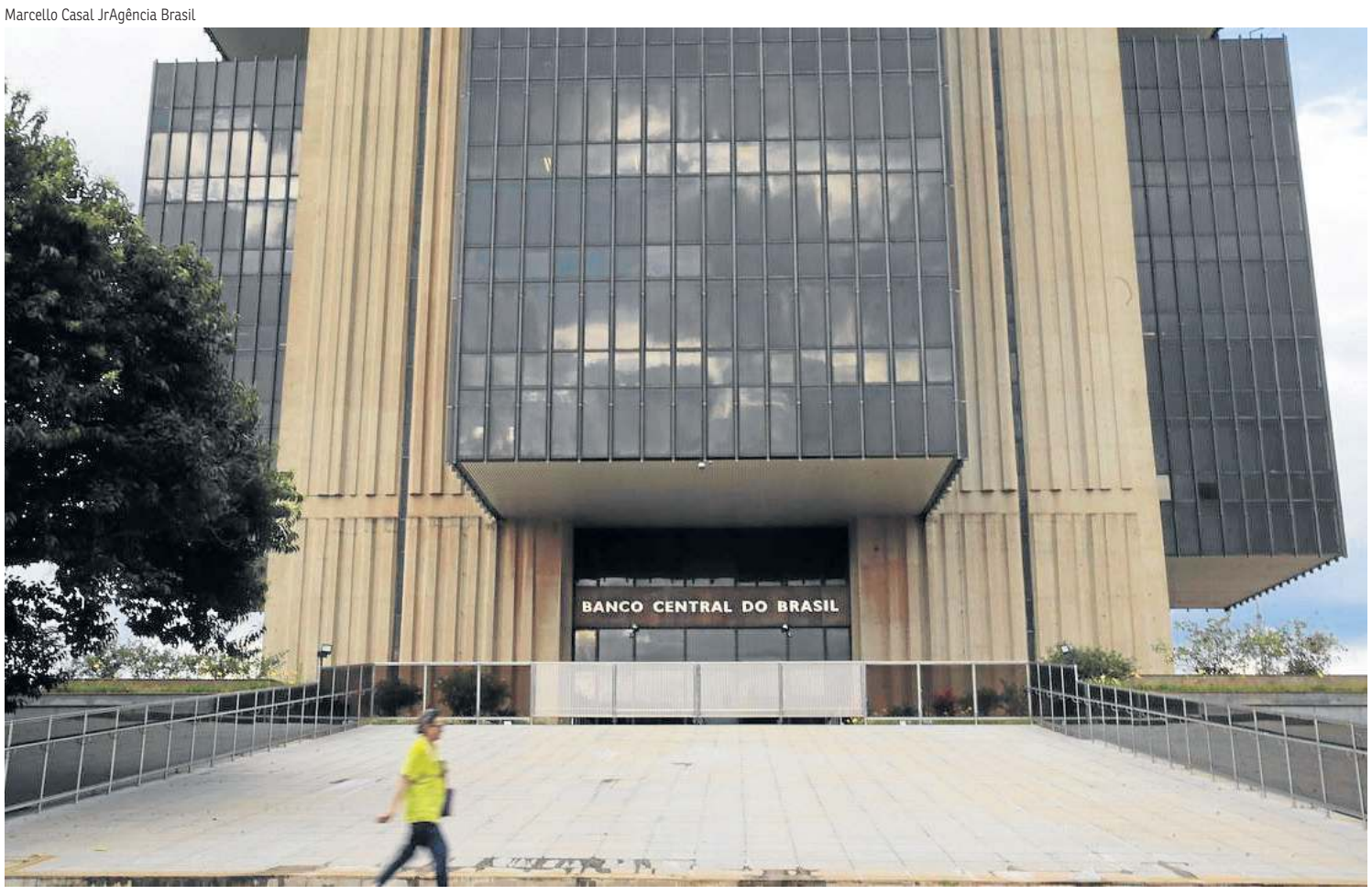
Commodities

Segundo Gustavo Loyola, ex-presidente do Banco Central, é natural que a autoridade monetária se prepare para tempos de incertezas, como os atuais. "O Brasil tem centenas de bilhões de reservas, e é para isso que estão lá, para eventos incertos", disse. Ele ressaltou que o conflito armado no Leste Europeu tende a ser inflacionário, por impactar as cotações das commodities, em especial do petróleo. "No horizonte de 12 meses, não há perspectiva de diminuição dos juros, eles continuarão em um patamar elevado. Isso não depende só da nossa economia, mas dos rumos da economia global", explicou.

Para o economista Roberto Luiz Troster, o BC está corretíssimo em se preparar para intervir no câmbio em caso de aumentos expressivos do dólar, uma vez que a inflação já está muito alta no país — mais de 10% ao ano. "A medida é boa, oportuna. Não dá para se concentrar apenas na política de juros", frisou. Na avaliação de Eduardo Velho, da JF Trust, as reservas internacionais do país estão acima do nível ótimo. E serão fundamentais casos outros conflitos ocorram no mundo, como a invasão de Taiwan pela China. "O BC precisa mostrar suas armas, até para deixar claro ao mercado", assinalou.

Analista de renda variável da Ouro Preto Investimentos, Bruno Komura afirmou que o BC deve conter todos os movimentos especulativos no câmbio, para dar mais previsibilidade aos agentes econômicos. No entender dele, a venda de moeda norte-americana no mercado à vista é a melhor estratégia para evitar volatilidade extrema. Ele destacou ainda que a inflação continuará no radar dos investidores, especialmente por causa do petróleo, que voltou para a casa dos US$ 100 o barril.

Marcello Casal JrAgência Brasil



Economistas veem como boa a decisão da autoridade monetária de intervir no câmbio quando necessário. Juros vão subir mais

> **O Brasil tem centenas de bilhões de reservas, e é para isso que estão lá, para eventos incertos"**
>
> *Gustavo Loyola, ex-presidente do Banco Central*

Brasil sofrerá bastante

A economia brasileira sentirá o peso do conflito armado entre a Rússia e a Ucrânia, acredita a economista sênior da LCA Consultores, Thaís Zara. Segundo ela, a guerra chega em um momento complexo para o país, de desaceleração da atividade, por um lado, e de pressões inflacionárias, por outro. Dependendo do tempo que se prolongar a guerra, o Brasil será impactado pelo gargalo de oferta nas cadeias produtivas, uma vez que boa parte dos insumos industrializados passa pela região conflagrada.

"O prolongamento dos gargalos de oferta nas cadeias produtivas e as pressões sobre preços tendem a agravar o quadro inflacionário doméstico, que já terá de lidar com as incertezas internas relativas ao ciclo eleitoral que se aproxima. Isso tende a turvar ainda mais as perspectivas para a economia brasileira, tanto do ponto de vista de crescimento quanto de inflação", afirmou. Ela destacou que é importante entender quais são as possíveis implicações econômicas do conflito.

Para Thaís, o principal receio é de perturbações prolongadas na oferta global de matérias primas — em especial trigo, petróleo e gás natural — das quais tanto a Ucrânia quanto a Rússia são importantes exportadores. "Um aumento duradouro dos preços desses produtos agravaria as dificuldades globais para lidar com a forte alta recente da inflação. E, assim, o crescimento global também seria prejudicado. Não é só. "A tensão geopolítica também leva à maior aversão ao risco global, o que costuma ser desfavorável a economias emergentes.

Guedes busca investidores

» FERNANDA STRICKLAND

O ministro da Economia, Paulo Guedes, vai aproveitar o carnaval para se reunir com investidores estrangeiros a fim de convencê-los de que o Brasil está preparado para enfrentar toda a turbulência internacional, no caso de prolongamento da guerra entre Rússia e Ucrânia. Ele pretende conversar com bancos e investidores institucionais dos Estados Unidos. Guedes levará aos donos do dinheiro o repetitivo discurso de que o "Brasil está condenado a crescer" e que tem hoje pelo menos R$ 825 bilhões em projetos contratados, cifra que pode ir a R$ 1,3 trilhão até o fim do ano. Não será fácil para o ministro reverter o pessimismo com o governo de Jair Bolsonaro, considerado uma fonte constante de crises.

Ontem, depois de muito nervosismo, houve um certo respiro nos mercados. O Ibovespa, principal índice de lucratividade da Bolsa de Valores de São Paulo, registrou alta de 1,39%, nos 113.142 pontos. Os investidores viram oportunidades de compras depois de dois dias de tombo. Já o dólar, visto como um ativo de proteção em períodos de incertezas, avançou 1,25%, para R$ 5,17. "Vínhamos de duas quedas seguidas na Bolsa, mas, ontem, o impulso de entrada de estrangeiros salvou o dia. O saldo do mês de recursos vindos de fora para a Bolsa ficou em R$ 24 bilhões", disse Fabrício Gonçalves, CEO da Box Asset Management.

O quadro de incertezas, porém, continua latente, ressaltou o CEO da Top Gain, Alisson Correia. Para ele, a calmaria que se viu ontem tem a ver com a percepção dos investidores de que não se espera uma retaliação com armas de países do Ocidente contra a Rússia. A tendência é de que todas as ações em direção ao país de Vladimir Putin se deem por meio de sanções econômicas. "Vamos ver como tudo irá se desenrolar nos próximos dias", frisou.

Conexão diplomática



silvioqueiroz.df@gmail.com

E o Itamaraty falou mais alto

A expectativa que cercou a definição do voto do Brasil na reunião extraordinária de ontem do Conselho de Segurança da ONU, sobre a guerra na Ucrânia, teve um desfecho que, à primeira vista, parece dizer que prevaleceu a linha de intervenção defendida pelo corpo profissional da diplomacia. Ainda que o presidente Jair Bolsonaro não tivesse feito um pronunciamento claro sobre a crise — depois de ter visitado Moscou e se declarado "solidário" ao colega Vladimir Putin — o representante do país no Conselho endossou o projeto de resolução apresentado pelos EUA, condenando como uma "agressão" a ofensiva da Rússia contra o vizinho.

Desde o avanço das tropas russas, na madrugada de quinta-feira, aguardava-se um pronunciamento do governo brasileiro — o Planalto mantinha silêncio até ontem. O Itamaraty divulgou nota no fim da manhã, na qual exercitou um difícil equilíbrio entre a pressão externa por uma condenação expressa ao uso da força por um Estado contra outro e a reticência do presidente a se indispor com um parceitro a quem acabava de prestigiar com uma visita, bem em meio à escalada de tensões.

Entre as conveniências do Planalto e os parâmetros adotados pelo Itamaraty, o voto favorável à resolução proposta por Washington representou tempo diplomático para que o Brasil tente se acomodar entre pressões contraditórias que incidem sobre um governo que, além de tudo, olha com atenção máxima para a eleição de outubro, quando o presidente disputará a reeleição.

Corda-bamba

Por dois dias, o governo Bolsonaro se viu sob pressão interna e externa para tomar posição clara na crise ucraniana. De um lado, Bolsonaro foi desafiado a escolher entre uma afinidade pessoal com o colega russo e uma política, anunciada ainda em campanha eleitoral, de realinhar o Brasil com a diplomacia de Washington.

Inspirada pelo entusiasmo do presidente com as linhas de ação de Donald Trump, na Casa Branca, essa linha-mestra da política externa nos primeiros dois anos de mandato foi posta em xeque com a derrota do presidente americano para o desafiante democrata Joe Biden, em 2020.

O voto alinhado aos EUA, na crítica reunião de ontem, pode ter dissipado uma das áreas de turbulência, mas resta para o Planalto e o Itamaraty lidarem com os desdobramentos da opção, feita nos últimos dias, de subestimar os riscos de guerra. Com a Ucrânia sufocada pelo avanço russo e virtualmente isolada do exterior, o governo pena para elaborar um plano eficaz para a retirada de cerca de 500 brasileiros até ontem retidos em território ucraniano.

Até a véspera do ataque russo, a orientação da embaixada brasileira em Kiev era para que os cidadãos se mantivessem em casa. Nenhum plano de retirada foi colocado em prática até que a situação real tornasse inviável qualquer iniciativa prática.

Ao pé da letra

E, como o diabo mora nos detalhes, nessa crise da Ucrânia ele pode estar em uma letrinha apenas. Porque o nome que se dá a um lugar em disputa pode implicar a tomada de partido — consciente ou não. É o que acontece com uma dessas duas regiões separatistas que a Rússia reconheceu como Estados soberanos.

Luhansk é como vemos grafado (e pronunciado) por aqui, em linha com o padrão adotado pela mídia ocidental. Assim, com "h" (aspirado), é como se fala em ucraniano. Em russo, que é a língua de dois terços da população local, se escreve e se fala Lugansk (é o mesmo com "herói", que, em russo, é escrito e pronunciado "guerói"). Como se vê, "h" ou "g", nesse caso, é bem mais do que uma questão de fonética...

Muro de Berlim

Por fora da questão diretamente entre Rússia-Ucrânia-Otan, interessante acompanhar a Alemanha. A ministra de Relações Exteriores, Annalena Baerbock, é dos Verdes, o partido ecopacifista surgido nos anos 1980 — com uma das raízes nos protestos em massa contra a instalação de mísseis nucleares da Otan no território alemão.

Nessas quatro décadas, os Verdes foram tradicionalmente adversários da participação do país em missões militares externas. Acontece que, na reunificaçao alemã, em 1989/90, a legenda incorporou os movimentos que combateram o regime socialista da hoje finada Alemanha Oriental. E, com eles, internalizou um pronunciado viés antirrusso.

Agora, Annalena Baerbock se coloca em tom bem mais próximo ao dos EUA e da Otan que o chanceler (chefe de governo), o social-democrata Olaf Scholtz — que, como ex-ministro da Economia e realpolitiker, sabe do lugar central que a Rússia ocupa na política externa alemã, mais ainda nessas três décadas de pós-Guerra Fria.

Terceira Guerra

O desenrolar da crise no Leste Europeu reconfirma a máxima de que "a vida imita a arte". Na virada dos anos 1970 para os 1980, momento decisivo para a disputa entre EUA e URSS, o general britânico sir John Hackett, que chegou a integrar o comando da Otan, lançou o livro *Terceira Guerra Mundial/1985*. A trama se baseia, em grande parte, nos estudos estratégicos da aliança ocidental em torno dos cenários militares de uma ofensiva do Pacto de Varsóvia — a réplica do bloco pró-soviético à Otan.

Curiosamente, mas não de todo surpreendente, o episódio que serve como estopim para o conflito se relaciona ao nacionalismo na Ucrânia — na época, uma das repúblicas que formavam a União Soviética.

Jovem Guarda

Como subsídio para entender como a crise na Ucrânia remete a substratos profundos da psique coletiva, vale a leitura de um romance da prolífica literatura soviética ambientada na 2ª Guerra Mundial. *A Jovem Guarda*, de Alexander Fadeyev, tem no centro do enredo um grupo de jovens da região do Donbass — a mesma que é pivô do conflito atual — na resistência à ocupação nazista.